

PONTAS DUPLAS

SPLIT ENDS

15 de abril a 5 junho 2021

Curadoria:

Aida Castro

Artistas:

Álvaro Lapa / Carlos Mensil / Colectivo SEM-FIM (Beatriz Sarmiento e Yasmine Moradalizadeh) / Diana Geirotto Gonçalves / Elisa Pône / Gustavo Sumpta / Helena Almeida / Noé Sendas / Mafalda Santos / Miguel Palma

As *pontas duplas* aparecem quando a cutícula, que é a parte exterior do fio, está danificada ou ressequida. As *pontas duplas* são cabelos espigados, cujas extremidades abrem: a partir-se em dois, três ou mais. *Split ends*, tradução do termo, também indica a estratégia de dobrar os fins, de os fintar e de os multiplicar para que não se fechem unívocos. *Split* é um termo vulgarmente utilizado para tornar um ecrã, no mínimo, duplo. Nesta exposição foram reactivadas *pontas duplas* encontradas no percurso da Galeria Presença e no trabalho dos artistas que representa, que de novo se instalam através da ocupação dos objectos convocados para o espaço. Esta prática de montagem permite ainda imaginar outros encontros artísticos que inventam novas ligações. Quer dizer, DUPLAS.

Descobrimos que Álvaro Lapa realizou na Galeria Presença uma exposição intitulada *Retratos Duplos Corpos* (1995). Sobre esta existe uma pequena publicação que reúne as obras mostradas e um texto que se divide nas três partes do título. Diz assim sobre duplos:

“Duplos são figuras cuja significação é a de representarem o sujeito que se vive por eles e se difere por elas. Vivendo-se pelos duplos não se vive no sentido despreocupado do termo, mas vive-se no sentido preocupado de um ser-para-a-morte. O duplo enfrenta a morte como uma realidade que aceita e nessa medida exconjura, pois o sujeito construtor do duplo dispensa-se por ele de morrer. «Ele morrerá eu não, eu estarei dentro», escreveu Beckett.” (Lapa: 1995)

As duplas, aquelas que arriscam de novo a se apresentar e também aquelas que se inventam na procura de posição, são forças de corpos diferidos e instalados na circunstância actual do fazer artístico, reproduzindo nos cruzamentos e sucessivas duplicações múltiplas cumplicidades. São então estas *pontas duplas* capazes de imaginar, através das materialidades artísticas convocadas, encontros inesperados que se estabelecem entre gestos, toques, vapores e pesos.

Helena Almeida / Álvaro Lapa, uma ligação inventada que incide sobre a relevância da articulação entre artistas e o percurso da Galeria Presença: esta dupla está aqui para nos indicar o espaço nas obras, material e de alcance, que é desejável tornar a ocupar sem enquadramentos rijos. O acervo é constituído por várias obras de Álvaro Lapa e mostram-se quatro *sem título*, entre estas, os desenhos que elegem a mesa como objecto situado e operativo. Há também um navio opaco que permite desequilibrar qualquer monocromia. “Sente-me”(1979), de Helena Almeida, está junto. E pode parecer um equívoco, diriam, mas não: está aqui porque transmite em simultâneo as entradas variadas nos corpos. A corporeidade desta obra é hoje uma urgência e uma indicação que compromete diversamente quase todas as outras convocadas para esta exposição: há um sentido gestual, uma performatividade implícita, nos objectos que aqui chegaram.

Mafalda Santos / Gustavo Sumpta, uma ligação reactivada a partir de uma exposição que aconteceu nesta galeria em 2007.

“Entre Mafalda Santos e Gustavo Sumpta existe a dicotomia do deserto, dividido sempre em dois – dia e noite – pela imposição de um território tão perfeitamente homogeneizado, árido. Através de um jogo de oposições, de cores e de materiais, falam da amplitude da distância, criam distância, são trabalhos que se vinculam pelo contraste.”, escreveu José Roseira no texto de sala. Duplas não quer dizer repetição. Através das tensões e dos pesos é possível retirar das ligações experiências da complexidade. Gustavo Sumpta volta à galeria com *Desceremos à gorja mudos* (2021), uma gravidade desmedida que faz referência ao poema “Virá a morte e terá os teus olhos” de Cesare Pavese. A peça foi realizada a propósito desta exposição, mas sobretudo a propósito da intensidade do trabalho que expõe quase sempre as pontas tóxicas do nosso tempo como “um elogio aos que teimam em estar vivos”, nas palavras do artista. Em frente, a aparente subtilidade de um objecto de Mafalda Santos realiza a mutação da palavra para os códigos binários num poema inscrito: um fragmento de *Tisanas* de Ana Hatherly. Mafalda Santos trabalha a tradução impossível entre vários *media* e os atravessamentos dos interfaces que regulam a visibilidade, dando conta da ubiquidade do funcionamento dos sistemas e dos seus limites. A monocromia desta tradução é, nesta exposição, seguida por uma sequência de quadros sobre o *sample* e a mancha da cor que permite a entrada nos vapores da próxima sala.

Miguel Palma / Elisa Pône, uma ligação reactivada a partir da exposição *As ratazanas não dão voltas na cama*, na Galeria Caroline Pagès, 2016.

Este novo encontro tira partido dos tais vapores. Das máquinas e dos seus fumos aqui realizados pela transformação da toxidade, não apenas, através da experimentação estética, mas como condição de toda a produtividade capital. Miguel Palma sempre nos colocou perante a vertigem do tecno-sublime em diferentes escalas e, plasticamente, perante variadas definições de *assemblage* — estão peças a cair por todo o lado: dos desenhos à sala, desintegração técnica. *Cemitério de aviões* (2012), motores esverdeados e parte de um *Cérebro* (2020) sintetizado a metal, proto-algoritmo das nossas máquinas. Habita nesta sala uma crepitação, uma estridência. É sonora e vem do filme *I’m looking for something to believe in* (2007) de Elisa Pône, explosões testadas nas múltiplas ocupações que realiza, pirotécnicas e combustões que se fiam nas mãos: uma arte de empregar fogo. *Finir Brûler* (2021), díptico realizado para esta exposição, é a hipótese de uma cristalização desses vapores e dessa fumaça, coordenando os motores com as experiências químicas, fazendo escutar um tempo incendiário e as marcas das suas paletas.

Diana Geirotto Gonçalves / Carlos Mensil, uma ligação inventada situada na primeira sala da exposição.

Esta invenção realiza fenómenos de alto contraste e sentidos para o gesto performativo nas metodologias do fazer artístico. No trabalho de ambos há a coordenação de forças díspares e a presença de subtis artifícios de inversão, provocando estranheza e sensações fortes. O trabalho de Diana Geirotto Gonçalves montou-se, quer dizer, as peças que colecta no atelier são participantes da actividade de um depósito contínuo e sofrem várias torções físicas até chegarem ao espaço, à parede, à prateleira e ao chão. É a precisão das mutações incididas que os tornam agudos e materialmente discerníveis. A posição que optam deriva dos limites da objectualidade inventada e dos seus fenómenos porvir: *Validating your Mouth Shut* (2020), um aziar como relicário. *Destorcer. Distorcer* (2018), a verticalidade do tronco um completo artifício. Do lado oposto encontram-se três desenhos reprodutores. *No vazio* (2020) de Carlos Mensil pode não haver tempo e o espaço é uma ambiguidade, mas cronometra: há motores a funcionar. No conjunto, as três peças são alvos que nos parecem olhar, mas poderiam ser relógios sem numerais. E a questão é mesmo essa, reconhecemos no movimento circular das esferas de metal (ímanes), que produzem os desenhos, os constrangimentos dos nossos dias. O *loop* que as faz funcionar é perturbador na evidência desta clareza sobre o presente, sem deixar de apontar para a falsidade de todas as rotinas e para os gestos configurados num *template*.

Colectivo SEM-FIM / Noé Sendas, uma ligação inventada que se instala de propósito na montra.

O Colectivo SEM-FIM (Beatriz Sarmiento e Yasmine Moradalizadeh) escolheu trabalhar a partir da fotografia *Wallpaper Girl (Saint Lourain)* (2015) de Noé Sendas. E com esta escolha aprofundaram questões performativas ligadas à actividade colectiva, tendo como referência esta imagem inquietante que apresenta a reprodução dos corpos, duplos: corpos gémeos, separados pelas semelhanças, cópias indistinguíveis pela ausência dos rostos, representação infiel cuja diferença é percebida pelo significado atribuído aos gestos dos dedos. *Encontro-te a encontrar-me* (2021), vídeo-performance do colectivo, procura essa diferença no vocabulário táctil como aproximação do gesto ao toque. Na proposta de (re)iniciar e largar as posturas do distanciamento e da divisão, nas palavras das artistas, "expandimos os nossos limites para chegar ao Outro, manifestamos o afeto e o desamor num diálogo gestual". Nesta montagem da montra as obras convocadas enquanto duplas estão a arriscar posições e anunciam fortemente as ligações operadas no resto da exposição. É uma abertura ao desenvolvimento no interior, que só pode ser vista de fora.

Aida Castro

Abril, 2021